

## E PLVRIBVS VNVM – DO LEMA À PROMOÇÃO DO IDEAL

António Manuel R. Rebelo\*



No momento em que um dos mais ilustres clubes do panorama desportivo internacional, bi-campeão e penta-vice-campeão europeu, comemora um século de existência, julgamos pertinente o contributo para o esclarecimento do lema latino *e pluribus unum* que acompanhava o emblema do Sport Lisboa, fundado a 28 de Fevereiro de 1904, em Belém, e que viria a fundir-se com o Sport Clube de Benfica a 13 de Setembro de 1908 no Sport Lisboa e Benfica.

Primeiro que tudo importa relembrar um erro muito comum, fruto de uma hiper correcção por parte de pessoas menos conhecedoras da língua latina. Não raras vezes, pois, deparamos com emblemas benfiquistas (talvez “falsificados” ou não licenciados), em que a divisa dos encarnados sofreu uma ligeira transformação: *et pluribus unum*. Ora, a preposição latina em causa, que rege ablativo, é *e* ou *ex*: *e* só pode ser utilizada quando se lhe segue uma palavra iniciada por consoante, *ex* ocorre antes palavra iniciada tanto por vogal, como por consoante.

Há, todavia, quem tenha umas noções muito rudimentares de latim e considere a expressão *e pluribus unum* errada: alguns confundem a preposição latina *e* com a conjunção coordenativa copulativa portuguesa *e*; como, em sua opinião, a conjunção latina correspondente é *et*, transformam, por hiper correcção, a divisa *e pluribus unum* em *et pluribus unum*.

O lema benfiquista também costuma ser erradamente interpretado ou traduzido por “Um por todos e todos por um”<sup>1</sup>. Ora, a versão latina de “Um por

\* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

<sup>1</sup> Vd. alguns exemplos oficiais desta interpretação em Augusto da Fonseca n’ *Os Sports* de 8/9/1939 ou, mais recentemente, Alfredo Gaspar no *Público* de 13/1/1997.

Uma das últimas ocasiões em que se comentou o emblema do Sport Lisboa e Benfica foi

todos e todos por um” é *unus pro omnibus, omnes pro uno* e não *e pluribus unum*. Por outro lado, “Um por todos e todos por um” foi um lema inventado por Alexandre Dumas e atribuído aos Mosqueteiros na sua famosa obra. O impacto desta noção de camaradagem, de entreaajuda e de solidariedade levou a que muitas associações a adoptassem e, para lhe emprestarem maior dignidade, a fizessem traduzir para latim sob a forma de *unus pro omnibus, omnes pro uno*. Tal foi a nobilitação daí resultante que a própria Confederação Helvética a adoptou como divisa nacional<sup>2</sup> e pode ser observada, por exemplo, desde 1902, no tecto do átrio de entrada do Palácio Federal, em Berna, onde funciona o parlamento suíço.

Qual é, afinal, a origem desta confusão?

Perto do Estádio da Luz encontra-se o Colégio Militar, cuja divisa é justamente a dos Mosqueteiros de Dumas: *Um por todos, todos por um*. O Dr. Augusto da Fonseca<sup>3</sup> era médico da Marinha de Guerra. Talvez ele se tivesse deixado influenciar, no seu artigo, pelo lema do Colégio Militar, ainda que, em 1939, o campo do Benfica fosse nas Amoreiras e não na Luz.

O facto de *O Glorioso* ter o seu Estádio na Luz já há 50 anos, a dois passos do Colégio Militar, terá precipitado a identificação do lema latino do Benfica com o lema, em português, dos “Meninos da Luz”. É curioso que alguns dos alunos do Colégio Militar façam equivaler os dois lemas<sup>4</sup>. Residirá aqui a origem da tradução errada da divisa benfiquista por influência indirecta do texto de Alexandre Dumas.

Não deixa ainda de ser interessante que o autor do ideário que criou os símbolos e os valores do clube tivesse sido o Major José da Cruz Viegas, sócio fundador e defesa direito da primeira equipa de futebol do Sport Lisboa. Os termos em que o fez foram os seguintes:

Alegria, colorido e vivacidade nas cores do equipamento, como base do entusiasmo na luta em desporto. Emblema com base na águia, como símbolo da elevação de propósitos e objectivos, longo espírito de iniciativa e ânsia de subir o mais alto possível. Legenda admirável como apologia da união – *e pluribus unum*.

---

na revista especial do jornal *Record* intitulada *O Século do Benfica*, publicada a 28 de Fevereiro de 2004. O artigo da p. 123, assinado por Paulo Jorge Pereira, não foge à regra e comete o mesmo erro: “[...]o novo emblema] inclui a águia de origem [...] sobreposta à frase latina «E pluribus unum», isto é, «Um por todos e todos por um», em nome da união e do espírito de grupo...”

<sup>2</sup> Em memória de Arnold Winkelried, que, em 1386, na batalha de Sempach, ofereceu a sua vida pela liberdade dos confederados.

<sup>3</sup> Vd. nota 1.

<sup>4</sup> Dizem, por exemplo, que “o lema do Colégio Militar é *Um por todos, todos por um*, ou seja, *e pluribus unum*” ou vice-versa...

Numa famosa enciclopédia da WWW, a Wikipédia 2004 (Vd. <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Estados\\_Unidos\\_da\\_Am%C3%A9rica](http://pt.wikipedia.org/wiki/Estados_Unidos_da_Am%C3%A9rica)>), a divisa americana *e pluribus unum* é erradamente traduzida por *E todos por um!!*

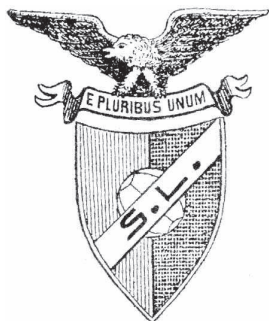
A página oficial do clube na WWW descreve assim o emblema do S. L. Benfica:

O emblema representa as características que sempre nortearam o clube pelo tempo fora: o tom, a vivacidade e a alegria da cor das suas camisolas, a águia como símbolo da sua independência, autoridade e nobreza, uma roda da bicicleta que representa o ciclismo como uma das primeiras modalidades do clube, a bola de futebol e a legenda com a apologia da unidade – *e pluribus unum* (de todos um).

Atente-se na tradução oficial do lema: *de todos um*.

Na mesma página web, ao descreverem a história do clube no período inicial da sua constituição, os benfiquistas são mais explícitos e pormenorizados na interpretação dos símbolos d’*O Glorioso*:

Escolheu-se o nome: Grupo Sport Lisboa; as cores do equipamento: vermelho e branco, por comunicarem alegria, colorido e simbolizarem a vivacidade da luta desportiva; o emblema: desenhado com base na águia, por ser uma ave altaneira, símbolo da elevação de propósitos e do espírito de iniciativa do Clube; Escolheu-se, também, a divisa: *e pluribus unum*, como apologia da união e do espírito de família que caracterizou a criação do Clube.



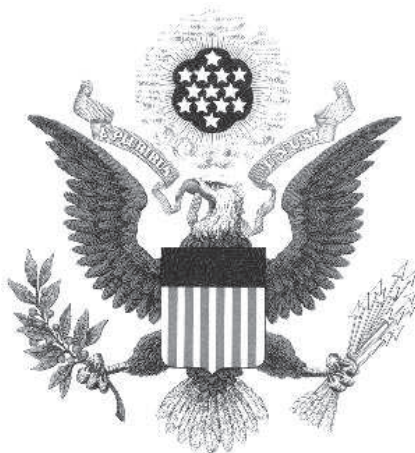
Donde provém, afinal, esta expressão e qual o seu verdadeiro significado?

O emblema do Sport Lisboa já apresentava a águia associada ao lema latino. O desenho do novo emblema, resultante da fusão dos símbolos dos dois clubes, o Sport Lisboa e o Grupo Sport Benfica, foi da autoria de Faria Leal.

Ora, é do conhecimento geral que a águia e a divisa latina em apreço são dois dos principais símbolos

do “Grande Selo” dos Estados Unidos da América. Uma comissão nomeada a 4 de Julho de 1776 para elaborar o Selo dos Estados Unidos da América rejeitou várias propostas antes de optar pela solução definitiva.

O interesse pela Antiguidade Clássica havia atingido o seu auge no início da Revolução Americana. Era dos clássicos gregos e latinos que os independentistas hauriam os modelos republicanos, deixando-se inspirar igualmente pelas virtudes clássicas.



Pierre Eugène du Simitière, artista de origem suíça e um dos consultores da comissão encarregada de escolher o selo, sugeriu como lema *E pluribus unum*, integrando-a no seu esboço. É essa a expressão que figura no anverso do Grande Selo, na banda que a águia sustenta no bico.

Charles Thomson, Secretário do Congresso e consultor da mesma comissão, era professor de Latim. São da sua autoria as propostas das duas outras divisas que constam do reverso do Grande Selo: *Novus ordo seclorum*, por baixo da pirâmide, e *Annuit coeptis*, por cima do olho que representa Deus.



*Novus ordo seclorum* (“uma nova ordem de idades”) é uma expressão inspirada no v. 5 da Écloga IV de Virgílio: *Magnus ab integro saeculorum nascitur ordo* (“uma grande sucessão de épocas nasce de novo”). Neste contexto, o Mantuano aludia à chegada de uma nova época de paz e de felicidade. Aplicando a expressão à independência da nova nação americana, Thomson explica que a data na base da pirâmide é a da Declaração da Independência e que as palavras *Novus ordo seclorum* significam o início de uma nova era americana, daquela data em diante.

*Annuit coeptis* é igualmente uma citação virgiliana adaptada. Esta expressão tanto surge na *Eneida* como nas *Geórgicas*. Na *Eneida*, 9.625: “Iuppiter omnipotens, audacibus annue coeptis” (“Ó Júpiter onipotente, favorece as minhas ousadas empresas”). Nas *Geórgicas*, 1.40: “Da facilem cursum, atque audacibus annue coeptis” (“Concede-me uma viagem próspera e favorece as minhas ousadas empresas”).

Charles Thomson transformou a 2ª pessoa do imperativo *annue* na 3ª pessoa do indicativo *annuit*. O olho no triângulo representa Deus trino ou a Divina Providência. Assim, *Annuit coeptis* significa *grosso modo* “a Providência é favorável à causa americana”.

São estas as três divisas oficiais dos Estados Unidos da América. Outro lema famoso, *In God We Trust*, só foi adoptado oficialmente em 1956.

Estas propostas mereceram, pois, o consenso da comissão e o selo foi adoptado em 1782, ano do 18º centenário da morte de Virgílio. Compreende-se, assim, a preferência pelas citações virgilianas. Mas será que *E pluribus unum* também foi inspirada pelo Mantuano?

A expressão consta, efectivamente, de uma obra atribuída a Virgílio na Idade Média: o *Moretum*. Esta obra descreve o início do dia de um agricultor. O *moretum* é uma espécie de pasta de queijo, alho e ervas para barrar ou rechear o pão<sup>5</sup>: “paulatim singula uires deperdunt proprias, color est *e pluribus unus*, nec totus uiridis, quai lactea frustra repugnant, nec de lacte nitens, quia tot uariatur ab herbis”<sup>6</sup>. Era assim que o agricultor preparava o seu almoço. Portanto, os diversos ingredientes conjugam-se de tal forma que originam uma única cor a partir de várias.

Um dos maiores autores latinos, Cícero, utiliza a mesma expressão, ao aludir à definição pitagórica da amizade ideal. Afirma ele o seguinte em *De Officiis* 1.17.56<sup>7</sup>:

...in quibus enim eadem studia sunt, eadem uoluntates, in iis fit, ut aequè quisque altero delectetur ac se ipso, efficiturque id, quod Pythagoras uult in amicitia, *ut unus fiat ex pluribus*.

Quando duas pessoas partilham os mesmos ideais e os mesmos gostos, estão sujeitas a que cada uma ame com igual intensidade a outra como a si mesmo e verifica-se o que Pitágoras pretende para a amizade: que se constitua uma só pessoa a partir de várias.

O conceito é idêntico ao do Livro do Génesis 2, 24, retomado no Novo Testamento por Cristo (Mt 19, 5) e por S. Paulo (Ef 5, 31): “Por isso, o homem deixará pai e mãe, unir-se-á à sua mulher e passarão os dois a formar uma só carne” (“...et erunt duo in carne una” diz o texto latino da *Vulgata*). S. Paulo identifica-se plenamente com a explicação ciceroniana: “Desse modo, devem também os maridos amar as suas mulheres como o seu próprio corpo. Quem ama a sua mulher ama-se *a si mesmo*” (Ef 5, 28) e “ame também cada um de vós sua mulher *como a si próprio*” (Ef 5, 33). Mas nunca os textos bíblicos recorrem à expressão *e pluribus unum*.

Num outro tratado que escreveu sobre a amizade, o Arpinate retoma o mesmo ideal depois de ter estabelecido o paralelo com o amor entre os animais (*Laelius siue de Amicitia*, 21.81):

Quod si hoc apparet in bestiis [...] primum ut se ipsae diligant (id enim pariter cum omni animante nascitur), deinde ut requirant atque appetant ad quas se applicent eiusdem generis

<sup>5</sup> Não se trata de uma torta, nem de uma salada, como alguns pensam. Cf. Nicholas Horsfall, “The *Moretum* decomposed,” *Classica et Mediaevalia* 52 (2001) 303-316.

<sup>6</sup> *Moretum* 101-4.

<sup>7</sup> Convém lembrar que o *De Officiis*, o livro mais popular de Cícero no séc. XVIII, era um livro escolar muito comum nas colónias britânicas.

animantis, idque faciunt cum desiderio et cum quadam similitudine amoris humani, quanto id magis in homine fit natura! qui et se ipse diligit et alterum anquirat, cuius animum ita cum suo misceat ut efficiat paene *unum ex duobus*.

Ora, se é evidente nos animais [...] em primeiro lugar, que se amam a si próprios – pois este sentimento nasce de igual modo com todo o ser animado – e, em segundo lugar, que procurem e sintam um profundo impulso por animais da mesma espécie, aos quais se possam unir – e isso fazem-no com um desejo de certa forma semelhante ao amor humano –, quanto mais isso não ocorre, pelas leis da natureza, no homem, que não só se ama a si próprio, como procura persistentemente um outro ser, cujo espírito se funda de tal forma com o seu que se torne quase um único a partir de dois.

A expressão aqui utilizada é *unum ex duobus* e não *ex pluribus*.

Todavia, no mesmo tratado *De Amicitia* (25.92) Cícero retoma novamente o tema da união na amizade. A propósito da crítica à hipocrisia, o Arpinate argumenta:

Nam cum amicitiae uis sit in eo, ut *unus* quasi animus fiat *ex pluribus*, qui id fieri poterit, si ne in uno quidem quoque unus animus erit idemque semper, sed uarius, commutabilis, multiplex?

E uma vez que a força da amizade reside na condição de que se forme como que um único espírito a partir de vários, como é que isso poderá acontecer, se até nem sequer numa só pessoa haverá um único e sempre o mesmo espírito, mas antes um que é vários, inconstante e volúvel?

Depreende-se daqui que, em Cícero, é irrelevante a diferenciação entre *unus ex pluribus* e *unus ex duobus*, pois o que geralmente está em causa é a amizade ou o amor entre dois seres, acentuando *ex pluribus* uma conotação de maior diversidade.

Séculos mais tarde, a expressão em causa viria a ser utilizada por um dos maiores autores cristãos: Santo Agostinho. Efectivamente, este santo descreve nas suas *Confissões* (4.8.13) o que o fascina no convívio com os amigos e a situação propicia a abordagem do ideal pitagórico da amizade nos mesmos termos em que Cícero o havia feito:

Alia erant, quae in eis (sc. amicis) amplius capiebant animum, conloqui et conidere et uicissim beniuole obsequi, simul legere libros dulciloquos, simul nugari et simul honestari, dissentire interdum sine odio tamquam ipse homo secum atque ipsa rarissima dissensione condire consensiones plurimas, docere aliquid inuicem aut discere ab inuicem, desiderare absentes cum molestia, suscipere uenientes cum laetitia: His atque huius modi signis a corde amantium et redamantium procedentibus per os, per linguam, per oculos et mille motus gratissimos quasi fomitibus conflare animos et *ex pluribus unum* facere.

Havia outras coisas que entre eles [os amigos] mais me cativavam o espírito, como conversar, e rir, e sermos amavelmente condescendentes uns com os outros, e lermos juntos livros bem escritos, chalacearmos juntos, e juntos falarmos de coisas sérias, discordarmos às vezes sem rancor, como uma pessoa discorda consigo mesma, e com a raríssima discórdia condimentar muitíssimas concórdias, ensinarmos algumas coisas uns aos outros, aprendermos uns com os outros, com melancolia termos saudade dos ausentes, recebermos

com alegria os que chegavam: com estes e outros sinais desta natureza, que, nascidos do coração de quem amava e de quem retribuía o amor, se manifestavam por intermédio do semblante, da voz, dos olhos e de outros mil movimentos gratíssimos, se fundiam os nossos espíritos com essas acendalhas, por assim dizer, e de muitos se fazia um só<sup>8</sup>.

Donde terão, afinal, os Americanos transcrito a citação: de Cícero, do pseudo-Virgílio ou de Santo Agostinho?

É mais plausível que a divisa tenha sido importada de uma legenda da capa de uma revista britânica muito em voga na época e muito popular entre os letrados americanos: a *Gentleman's Magazine*, uma publicação mensal londrina editada desde 1731 até 1922. Por sua vez, a *Gentleman's Magazine* retirara a legenda de uma publicação anterior, intitulada *Gentleman's Journal*, que a usara desde 1692. Ter-se-iam estes deixado guiar por Cícero, pelo pseudo-Virgílio ou por Santo Agostinho? Não sabemos. Em todo o caso, Agostinho inspirou-se seguramente no Arpinate. Podemos considerar, pois, que é Cícero a origem da expressão *e pluribus unum*.

Indubitável é o significado do lema. No contexto da independência dos Estados Unidos da América “(a partir) de muitos, um” é uma clara alusão às 13 colónias<sup>9</sup> unidas numa única nação<sup>10</sup>. As 13 listas verticais do grande selo, a exemplo das treze listas horizontais do estandarte americano, remetem para esse grupo inicial de 13 estados que se libertaram do Reino Unido. Aliás o padrão do número 13 é uma constante que percorre toda a simbologia do grande selo norte-americano: as 13 estrelas glorificadas por cima da águia, as 13 listas, as 13 azeitonas e as 13 folhas no ramo de oliveira, simbolizando a paz que é oferecida aos povos, as 13 setas representando a guerra no caso de a paz ser recusada e finalmente as 13 letras que constituem a divisa *e pluribus unum*<sup>11</sup>. Não é, pois, indiferente utilizar-se *ex pluribus unum*, como Cícero e Santo Agostinho, ou *e pluribus unum*, pois a primeira versão tem 14 letras! Esta é a prova mais evidente de que os primeiros benfiquistas adoptaram o lema *e pluribus unum* directamente do selo americano e não se inspiraram em Cícero ou em Santo Agostinho, senão teriam escrito *ex pluribus unum*.

Será que, ao assumirem a águia e o lema dos Americanos, esses benfiquistas fundadores se voltaram para os símbolos transatlânticos como que procurando libertar-se da forte influência inglesa, que dominava o futebol portu-

<sup>8</sup> Transcrevemos com a devida vénia, a tradução de Arnaldo Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina de Sousa Pimentel editada em *Santo Agostinho. Confissões*. Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira-I.N.C.M., Lisboa, 2000.

<sup>9</sup> Massachusetts, Connecticut, Rhode Island, New Hampshire, New York, New Jersey, Pennsylvania, Delaware, Virginia, Maryland, North Carolina, South Carolina e Georgia.

<sup>10</sup> A tradução oficial americana é “From many, one” ou “Out of many, one”.

<sup>11</sup> Também o outro lema *annuit coeptis* tem 13 letras.

guês daquela época<sup>12</sup> (a exemplo das antigas colónias britânicas na América do Norte, que se uniram para se libertarem do domínio europeu), imprimindo, assim, um cunho nacional a um desporto que falava inglês<sup>13</sup>?

Em todo o caso, com o evoluir dos tempos, a divisa dos Estados Unidos passou também a simbolizar a vontade americana de congregar numa única nação povos e culturas díspares, gentes de todas as raças, credos e origens. Inicialmente eram os colonos ingleses, escoceses, irlandeses, franceses, holandeses e alemães, com os seus escravos africanos, coabitando com as diversas tribos de índios. Mais tarde vieram-se-lhes juntar os colonos hispânicos, os emigrantes italianos, polacos, árabes... e até os chineses. Os Estados Unidos transformaram-se naquilo a que os americanos chamam um *melting pot* de povos e culturas. A pluralidade cultural daqui resultante assemelha-se ao *pointillisme* impressionista em que, vistos de perto, os pontos são de cores diferentes, mas vistos de longe, transmitem, na sua globalidade, uma cor completamente diversa<sup>14</sup>.

O lema transmite, como nenhum outro, a dupla tensão de forças – individual ou colectiva – na percepção e vivência do multiculturalismo norte-americano. Não admira que tivesse havido quem propusesse a mesma expressão para divisa oficial da União Europeia<sup>15</sup>, tendo em consideração o multiculturalismo da realidade europeia. Mas, afinal, a divisa adoptada – *Unida na diversidade* – pouco difere da divisa latina, conforme iremos ver mais adiante.

A tradução inglesa “Out of many, one”, sem mais, que alguns americanos também alternam com “one from many”, pode ser enganadora para espíritos mais incautos. Aplicada ao plano desportivo, por exemplo, “Out of many, one” poderia significar “de várias equipas, uma” (vencedora ou que sobressai), numa alusão implícita à vitória num campeonato disputado por diversas equipas. Mas o lema latino é “E pluribus *unum*” e não “E pluribus *unus*” ou “E pluribus *una*”: *unum* está no neutro indicando claramente uma entidade ou um conceito abstracto. Por isso, o texto correspondente “one out of many” representa também ele a unidade a partir da combinação de vários elementos constitutivos.

Na história do Sport Lisboa e Benfica, há um acontecimento muito idêntico ao nascimento da nação norte-americana: a fusão do Sport Lisboa com o

<sup>12</sup> Muitos dos clubes de futebol do início do séc. XX foram fundados por ingleses. O caso mais famoso é o do Boavista, mas em Lisboa havia muitos outros, como o Lisbon Cricket, o Caravelos Club, etc.

<sup>13</sup> O nome da primeira federação (ou liga) portuguesa de futebol era Liga de Football Association.

<sup>14</sup> Pontinhos alternantes entre o amarelo e o azul, por exemplo, dão a impressão de uma cor verde e por aí adiante com a combinação das cores primárias, secundárias, etc., e era esse o espírito da expressão no *Moretum*.

<sup>15</sup> Vd. a posição crítica de Denis Lacorne, “E pluribus unum: une devise pour l’Europe?”, *Le Débat* 123 (Janeiro-Feveireiro de 2003) 88-97.



Sport Clube de Benfica. O lema *e pluribus unum* teria toda a pertinência e faria plenamente sentido neste contexto: um único espírito de grupo a partir da fusão de várias equipas. Todavia, a expressão já se encontrava, entre outros elementos, no emblema do Sport Lisboa e foi daí transposta para o emblema final, resultante da fusão dos dois clubes.

No plano estritamente desportivo, o que quererá dizer, então *e pluribus unum*?

Significa um único espírito de equipa a partir da diversidade de elementos constitutivos, tanto dos atletas – que na articulação (ou entrosamento como se costuma hoje dizer, à imitação dos Brasileiros) entre as mais diversas características dos jogadores (defesas, médios, avançados...) encontra a chave para alcançar a vitória: um espírito unido dentro de um corpo coeso que funciona ou joga como um todo, independentemente das particularidades individuais de cada um dos seus membros, pois todos procuram contribuir para um objectivo comum –, como dos sócios – que são provenientes de estratos sócio-culturais diversificados, se regem por ideologias por vezes totalmente opostas, pertencem a partidos políticos diferentes, professam credos variados, mas encontram no plano desportivo um factor de união.

É este, pois, o duplo ideal que deve animar os desígnios do Sport Lisboa e Benfica e, em verdade, de todos os que entendem e/ou vivem o desporto como um meio de realização e de promoção humana (em sintonia, aliás, com a proposta cristã de valores)<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> Cf., a propósito, a Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa elaborada por ocasião do Euro 2004 (em *Estudos* N.S. 2 (Junho de 2004), pp. 223-230) e o artigo de Manuel Sérgio intitulado “Algumas Teses sobre o Desporto” em *Estudos* N.S. 2 (Junho de 2004), pp. 231-240.